# A Curiosidade Epistêmica Jornalística e a Narrativa Autoral[1]

Sonia Regina Soares da CUNHA[2]
Cremilda Celeste de Araújo MEDINA[3]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

**Resumo**
Este artigo trata das "Narrativas da Contemporaneidade", estudo da pluralidade de narradores e outras inovações teóricas necessárias à construção de um cosmo de sentidos teóricos-empíricos. A narrativa autoral ganha vida quando o jornalista/autor avança além do código linguístico à outros códigos da observação-experiência sociocultural. Como possibilidade estimuladora do desenvolvimento da "narrativa autoral" esta investigação destaca a curiosidade epistêmica jornalística. O estudo dos documentos científicos sobre o tema permite considerar que a estimulação da curiosidade epistêmica poderia ampliar o discernimento informativo e com o apoio da memória sensível ajudaria a elaborar o mapa imagético da narrativa não verbal de segunda ordem, base da narrativa autoral.

**Palavras-chave:** Teoria e Epistemologia do Jornalismo; Narrativas da Contemporaneidade; Curiosidade Epistêmica Jornalística. Cremilda Medina.

## Breve cartografia do invisível

Recentemente, durante o ALCAR 2017 um grupo de pesquisadores da história da comunicação debatia sobre a necessidade de "manter o emprego" expressada por alguns jornalistas diante da instável situação política e financeira no Brasil, e em alguns casos para conseguir manter a empresa de comunicação "viva", haviam trabalhado sem remuneração, ou com salários atrasados. "Jornalistas da Rádio e TV Cultura estão há três anos sem reajuste de salário. No dia 15 [de dezembro de 2016], cerca de 50 jornalistas da TV e Rádio Globo protestaram contra a falta de reajuste nos últimos dois anos." (LIMA e SANCHES, 2017). Confesso que já trabalhei sem receber salário durante a crise da TV Tupi, entre outras. Além disso, como alguns jornalistas, também não consegui receber o FGTS da conta inativa, porque a empresa de comunicação onde trabalhei não depositou, antes, ou depois de encerrar as atividades. Demissões em massa, salários abaixo da média, especialmente para mulheres e jornadas de trabalho que ultrapassam os horários normais são alguns problemas que enfrentam os jornalistas no exercício da profissão no Brasil. Um

[1]Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2]Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo, email: reginacunha@usp.br
[3]Orientadora. Docente titular senior dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e de Integração da América Latina (Prolam) da USP, email: medinase@usp.br

levantamento feito pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em janeiro de 2017, registra que 1.200 jornalistas perderam o emprego em 2016, em virtude do fechamento de "duas emissoras de televisão, três rádios, um site de notícias, sete jornais impressos, além de vários blogs". (MEIRELLES, 2017). É um problema socioeconômico pouco divulgado pela própria mídia e que está a afetar o "ethos" e o "habitus" do jornalismo. Esse conflito provoca o desequilíbrio das regras deontológicas do jornalismo que se confundem com as normas estratégicas de um "capitalismo" automatizado e cartelizado que, ao invés de estimular a livre concorrência empresarial e o exercício da democracia cidadã, enseja uma visão unilateral do mundo intensificada pela "pós-verdade", ou pelo "fato alternativo".

Toda essa carga cognitiva afeta o invisível jornalista que deixa de pensar coletivamente na responsabilidade social do exercício profissional. Diante desse cenário, o jornalista assodadamente, trabalha para investigar formas de "desmentir" ou "desmascarar" o "fato alternativo" divulgado pela fonte oficial, em detrimento da elaboração das "narrativas autorais". Cada vez mais, especialmente na redação telejornalística, os dados estatísticos disponibilizados na internet preenchem as laudas com infográficos, cujos textos sonorizados são editados a partir de imagens de arquivo ou gráficos coloridos cuidadosamente elaborados para suprimir a vez e a voz do cidadão, eventualmente, revelada através de poucos caracteres que contém as hashtags (#), categorias indicativas do telejornal onde o telespectador vive meio segundo de fama.

A adaptatividade do telespectador ao novo processo interativo, via redes sociais, parece fluir sem interrupções: "vou enviar mensagens sempre, porque assim um dia meu nome aparece na telinha". Mas, o fluxo adaptativo perde a força do outro lado, ou seja, para quem vive a prática na redação de TV, o processo de aquisição das novas habilidades exige tempo e dedicação, em especial para dominar os novos softwares de edição, ou manejar novas câmeras, ou ainda acionar as telas gigantes de "touch screen" para apresentar a previsão de tempo, ou outra arte interativa.

Assim, como os computadores com softwares de textos substituíram os revisores na FSP no final da década de 1980, hoje a Inteligência Artificial já consegue substituir motoristas e operadores de telemarketing, profissões consideradas em extinção dentro de dez anos. "As profissões que provavelmente, não vão desaparecer tão cedo incluem envolvimento com seres humanos, ou profissões que dependam de atividades coletivas e em grupo, ou seja, a nossa habilidade de se relacionar com outras pessoas." (LEMOS,

2017). Por mais que as faculdades de jornalismo tentem preparar o aluno para uma atuação profissional atualizada ao mundo contemporâneo, as modificações curriculares parecem ser inóquas e superficiais ao privilegiar o aperfeiçoamento técnico – o empreendedorismo e o desenvolvimento de aplicativos de vídeos noticiosos – em detrimento do incentivo ao debate coletivo e à leitura crítica da experiência jornalística cotidiana.

O ano de 2016 foi o prazo limite do Ministério da Educação do Brasil (MEC) para que as novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Jornalismo (Rádio, TV, Internet) e Relações Públicas fossem implantadas nas escolas superiores de comunicação em todo o território nacional. Comunicação passou a ser um campo de estudo, como Saúde, por exemplo, e não um bacharelado com habilitações. Para a professora doutora Tatiana Ferraz, do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (SP) as disciplinas que ela ministra sofrerão grandes alterações, tanto no conteúdo quanto na extensão. "Foi preciso espremer os cursos de Telejornalismo 1 e Radiojornalismo 1 e 2 em um ano, com os tópicos mais importantes." (FERRAZ, 2016). Num país com um número reduzido de emissoras de TV abertas, cuja concessão pelo governo federal premia os "aliados políticos", a universidade poderia tentar oferecer ao aluno a vivência prática telejornalística, de maneira a incentivar o aumento de produções videográficas noticiosas independentes. "É preciso atacar os sistemas formais de educação de comunicadores (universidades e cursos) e transformar a experiência pedagógica ultrapassada (unidirecional) numa prática comunicacional efetiva." (MEDINA, 1982, p. 287).

Acelerar a aquisição de conhecimento e dispersar as etapas iniciais pode impedir a formação de uma sólida base capaz de gravar na memória a longo prazo do futuro jornalista o prazer pela busca do conhecimento, estimulando assim, um jornalismo cuja "ação transformadora" seria capaz de abarcar a essência dos acontecimentos e interesses da sociedade.

**A ação transformadora do "ato presencial"**

O jornalista que trabalha com reportagem televisiva em geral precisa acomodar a curiosidade epistêmica ao tamanho das respostas (sonoras) que serão editadas de acordo com a quantidade de tempo de cada reportagem. A sugestão das perguntas em geral vem da pauta, com base na leitura dos portais de notícias online, releases, fontes, enfim. Os algoritmos de busca por notícias ganham cada vez mais lugar de destaque nas redações

jornalísticas. Há uma imensa oferta de dados ("big data"): informações certificadas por fontes institucionalizadas do "poder"; estatísticas locais/nacionais/globais avalizadas por organizações governamentais/não governamentais; infográficos; textos; videoreportagens com ou sem áudio; enfim. A agilização da disponibilização da informação promove a aceleração da aquisição da notícia, e possibilita a geração de lucros para os proprietários das empresas de comunicação. A partir do cadastramento de algumas palavras-chave, os consumidores podem obter as notícias sobre determinados assuntos, assim que elas estiverem disponíveis, em qualquer plataforma. Mudou o conceito de jornal. Hoje dá para comprar só uma notícia, nova ou antiga, ou um pacote avulso sobre um determinado acontecimento. Há algum tempo, o público "tenta ditar" a agenda do dia, através dos "likes", "downloads" e da própria produção textual/foto-videográfica, contudo os grupos de leitores/telespectadores/políticos se fecha em torno daqueles que concordam entre si mesmos, e com ajuda da tecnologia. Assim que o usuário entra na rede social o algoritmo sugere vídeos, leituras, amigos disponíveis para contactar, ou seja, a oferta de respostas começa antes da curiosidade elaborar as perguntas.

Durante o Pensacom de 2016, uma professora relatou ter sofrido uma invasão de anúncios de cadeiras assim que ela abria o navegador da internet. É que ela tinha procurado uma cadeira e o algoritmo de busca do navegador decidiu conectá-la aos vendedores de cadeiras (anúncios pagos do Google, Facebook, ou outra rede social). De acordo com as características individuais de cada internauta: econômicas/bancárias, sociais, acadêmicas, culturais, afetivas etc., o algoritmo disponibiliza as ofertas publicitárias. No caso acima, apesar das ofertas tentadoras, a professora decidiu ir pessoalmente até uma loja e sentar/experimentar a cadeira antes de comprar. É o "**ato presencial**" (MEDINA, 2016a) que ajuda o consumidor na hora da compra a sentir a ergonomia e o conforto, analisar a amplitude da estrutura e calcular o custo/benefício do produto. Se é bom para o consumidor, imagine para o jornalista que precisa narrar os fatos com detalhes, técnica, sensações, estética, isenção, ética. Em tempos de perguntas pré-fabricadas e respostas algoritmizadas como fica a epistemologia do jornalismo? A superficialidade do conteúdo, a redução da informação para adequação ao espaço da tela do computador, ou tablete, ou celular, podem estar adequadas à estratégia de gestão do empregador, mas comprometem o exercício epistêmico do ser jornalista. Uma rotina desenhada pelo determinismo tecnicista e suportada pelo materialismo cultural pode

enfraquecer a curiosidade epistêmica jornalística ao induzir à perfeição da forma, em detrimento do conteúdo autoral nas narrativas da contemporaneidade.

**Autoria nas narrativas (não relatos)**

Presencialmente, a observação através dos sentidos humanos, enriquece a narrativa porque estimula a cognição, que é a maneira humana de compreender o mundo e atuar nele. É preciso estar acordado para que a cognição esteja ativa e faça o cérebro orquestrar um conjunto de habilidades mentais e processos que integram o conjunto de ações humanas. A abrangência do estar e agir presencialmente estimulada pela curiosidade epistêmica injeta adrenalina na criatividade, estrutura neurologicamente a percepção sensorial do fazer e vivenciar o tempo presente, com pinceladas estratégicas da memória a longo prazo e do infinito "sentir imaginativo"[4]. As ofertas algorítmicas extemporâneas não conseguem satisfazer a curiosidade epistêmica sentida pelo jornalista quando tem uma motiv | ação para escrever uma narrativa noticiosa, em forma de informação estruturada. Não se trata de tamanho de reportagem, pois uma grande reportagem pode estar concentrada em poucas e bem escritas linhas. Leitores há, que se queixam de textos longos ou curtos, mas que não são "interessantes". Existe notícia interessante? Notícia completa? Uma narrativa não precisa abarcar tudo sobre um acontecimento, pois outros ângulos podem vir da "liberdade do leitor para completar os vazios". (Sinval MEDINA, 2014b). Uma narrativa na medida da estimulação da curiosidade do outro.

É preciso entrever possibilidades interrogantes e permitir o "ensaio de compreensões abertas, ao invés das certezas das explicações reducionistas". A narrativa jornalística, a "leitura do real que conduz o ato simbólico de interpretação do repórter" (MEDINA, 2013, p.44) é um ensaio compreensivo possível dos fatos. Ao iniciar a aventura pela escrita reveladora do acontecer contemporâneo o jornalista/autor deve ser "capaz de harmonizar a ação transformadora, a racionalidade complexa, a intuição sensível e sintética" (MEDINA, 2017) permitindo ao cérebro fluir livremente, como em um holograma, ou hélice genômica, ou uma viagem criativa a partir do "gesto da arte". O "gesto da arte" (MEDINA, 2003) é um exercício epistêmico combinatório entre a prática da reportagem e o convívio com a arte que permite uma visão compreensiva do mundo, através das "criaturas sensíveis da sociedade, os artistas". (MEDINA, 2003, p.62). O fluxo

[4]Fernando Pessoa: "Dizem que finjo ou minto / Tudo que escrevo. Não. / Eu simplesmente sinto / Com a imaginação."

contínuo das camadas criativas se intercalam entre si, interagem entre o autor/criador e narrador/criatura. A intuição sensível atiça a curiosidade epistêmica e inspira a produção de narrativas como uma solução autoral para a falta de diversidade/profundidade na cobertura jornalística contemporânea. A notícia algorítmica, principalmente, a que reproduz o fato alternativo não é solução, é soluço: aparece do nada, incomoda, pode não ter fundamento, e contagia. Mas, como fazer para que as pessoas leitores/telespectadores se interessem por fatos "não inventados", ou cheios de informações dúbias e estereotipadas?

"Precisamos incluir as pessoas na história, em narrativas humanas. As pessoas curiosas têm uma razão adicional para buscar os fatos: sentir o prazer de contemplar insights surpreendentes sobre como funciona o mundo." (CHRISTENSEN, 2017) A frase está na reportagem "Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores" (FSP/10/03/2017) de Tim Harford: "A curiosidade aproxima as pessoas de uma maneira que os meros fatos não fazem. Ela é a semente da qual podem brotar decisões democráticas sensatas". Semente esta, presente no laboratório das "Narrativas da Contemporaneidade" coordenado pela pesquisadora e professora do PPGCOM/USP, Cremilda Medina, cuja colheita nas últimas cinco décadas rendeu 17 livros e 52 coletâneas coletivas, como as séries São Paulo de Perfil e Novo Pacto da Ciência.

> Nas mediações da comunicação coletiva e do jornalismo defendo a oficina autoral do profissional da área. A interação social criadora se concretiza, em presença, pela racionalidade ética, a técnica competente e a estética transformadora. Mas não há garantias à partida. Na educação e no jornalismo, a interação e a recepção constituem um mistério a desbravar para além das técnicas gramaticalizadas. (MEDINA, Sumário, Livro II, 7º Cap. Texto e Narrativa: mediação autoral, 2016).

Um mistério interativo para o jornalismo autoral pode estar no toque da curiosidade epistêmica como uma emoção inspiradora para uma escrita autoral plural que acontece no insight da "intuição sintética", se estrutura com o aprofundamento da "racionalidade complexa" e mantém a coerência conceitual através da sustentação da "ação transformadora".

## Revisão de Literatura

Para esta revisão de literatura sobre a curiosidade com foco no jornalismo destaco três estudos:

1. "Os relatos jornalísticos" (PEUCER, T., primeira tese sobre jornalismo "De relationibus novellis", Univ.Leipzig/Alemanha, 1690);
2. "Investigative Journalism" (de BURGH, H., Routlegde, 2008); e
3. "Jornalism curiosity and story-telling frame" (GRUNWALD e RUPAR, Routledge, 2009).

A análise feita Peucer (1690) aponta a "curiosidade humana" como uma das causas da aparição do periódico impresso cujo estilo, ou "modo de dizer", não deveria ser nem "oratório (afasta o leitor curioso), nem poético (confunde pela falta de clareza)". Sobre a curiosidade, Peurce cita Christianus Weise, que em 1696 publicou o livro "Schediasma Curiosum" com uma análise de conteúdo de jornais ("novellarum") de 1660 a 1676. Weise,

> mostra com efeito, como a pessoa pouco versada no estudo da geografia, graças à leitura de periódicos se sente como que atraída. [...] Quanto à utilidade política é geralmente a mais importante nos periódicos por que nesta se pode conhecer os direitos entre os príncipes, discutidos por uma e outra parte, juntamente com as deliberações, os artifícios e os costumes que são freqüentes às cortes; da mesma forma, o leitor de bom senso terá que discernir aí as coisas sem fundamentos das verdadeiras e sólidas. (PEURCE, 1690, trad. DIAS, 2004, p. 26-27).

A relação entre jornalismo e curiosidade para De Hugh (2008) está no exercício da profissão. Com o domínio do entretenimento no conteúdo das empresas de comunicação, alguns jornalistas modificaram seus estilos[5]. De Hugh destaca uma entrevista de John Pilger (1999) sobre a nova configuração da redação, onde o jornalista teria que exercer múltiplas habilidades. Pilger acredita essa evolução no cotidiano do profissional também contribuiu para reduzir a "curiosidade jornalística" e o tempo de investigação profunda, fazendo com que o termo "jornalismo investigativo", ganhasse destaque como um "diferencial" na cobertura dos fatos. "Gostaria de ver o termo jornalismo investigativo ser rejeitado como uma tautologia, afinal todos os jornalistas deveriam ser investigativos." (PILGER, 1999 *apud* De HUGH, 2008).

O artigo "Curiosidade jornalística e enquadramento da narrativa" de Grunwald e Rupar (2009) analisa a "produção de sentido" na imprensa australiana e dinamarquesa a partir de dois conceitos: "curiosidade jornalística" e "narrativa noticiosa". A narrativa noticiosa é analisada a partir de duas componentes: "enquadramento" (que nomeia a componente epistemológica, conecta a nova informação com o conhecimento existente), e "angulação" (que nomeia a componente organizacional, determina como a informação será estruturada na narrativa). O conceito "curiosidade jornalística" foi testado nas duas componentes. Para os autores "a curiosidade jornalística ajuda a atravessar e modificar os

[5]No Brasil/TV Globo podemos citar Tiago Leifer, Ana Maria Braga, Fátima Bernardes, Pedro Bial, como jornalistas que passaram do jornalismo para o entretenimento, o que permite ao profissional, além do trabalho "showrnalístico", participar de anúncios publicitários.

limites estruturais da narrativa", a partir da avaliação pessoal e íntima do jornalista, permitindo encontrar aquilo que é essencial e que "vale a pena enfatizar ou excluir". (GRUNWALD e RUPAR, 2009).

Os desafios da curiosidade epistêmica parecem ser mais facilmente enfrentados com maleabilidade por uma mente aberta e humilde; enquanto o conservacionismo repetitivo de conceitos e de "frases de efeito" impermeabilizam a estrutura intuitiva sintética. Desafiar a curiosidade epistêmica jornalística pode ajudar a expor as verdades em conflito e permitir vivenciar o "signo da relação".

**O signo da relação**

Sobre a componente enquadramento da narrativa jornalística Cremilda Medina sugere que, ao se deparar com o essencial que precisa ser enfatizado o jornalista deve buscar apoio "dentro da história" e sair da imposição do "enquadramento do objeto da pauta", o que tornará possível a "peça de autoria, a narrativa de autoria". (MEDINA, 2015, entrevistada por Rafaelle Batista). Entre as noções epistemológicas das narrativas da contemporaneidade Cremilda Medina (2003, p. 135) sugere "a interação sujeito-sujeito", ou seja, enquanto o enquadramento ditado pela pauta, ou pela ciência, vê o entrevistado como "objeto de relato", o jornalista autor se relaciona com o Outro como "parceiro da aventura contemporânea".

> Na viagem pelo mundo vivo, os cinco sentidos se articulam para despertar a intuição criativa, decidem o caminho solidário e enriquecem o juízo de valor. Falando assim, parece teoria abstrata, conceitual. Mas não. Essas noções emergem na experiência da reportagem ou, como agora nomeio, o *signo da relação*. (MEDINA, 2007, p.18).

Há quatro décadas, Cremilda Medina lançou a obra "Notícia: um produto à venda" (SP: Alfa-Ômega, 1978), onde distingue a "notícia simples de poucas linhas", da grande reportagem – a "narrativa autoral", que oferece ao leitor um texto com profundidade, cujo conteúdo informativo mantém o equilíbrio estilístico através: "da contemplação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, da pesquisa histórica de antecedentes, e da busca do humano permanente no acontecimento imediato". (MEDINA, 1978, p. 134). Ao se permitir, como jornalista, refletir sobre o cotidiano da vida através, e com o auxílio da lente do Outro, em todas as suas manifestações, o mundo da vida transparece vividamente. A narrativa autoral é um amplo quadro interpretativo de um fato e transcende os "limites

do acontecer para um estar acontecendo atemporal". A acontecência socio-cultural do signo é um daqueles marcos da história Uspiana, de 1999 a 2006, cuja delicada cinzeladura do mais puro ouro humano feita por Cremilda Medina integrou a ação prática e a aplicação teórica da Comunicação Social (agência de notícias, jornal impresso, online, revista, rádio e TV), ao revelar à sociedade os caminhos da pesquisa científica, ao mesmo tempo em que a ciência vivenciava o "diálogo social" com a sociedade.

> Cremilda percebe que a crise não é um fenômeno restrito às altas esferas do conhecimento, como anunciou Thomas Khun. [...] Conceitos como evolução, progresso, causa e efeito, ordem e caos, previsibilidade e tantos outros que pautam o comportamento cotidiano das pessoas não são dados de realidade, mas construções simbólicas. (Sinval MEDINA, 2014a, p.12, Prefácio de "Atravessagem").

Tanto em "Atravessagem" (SP: Summus, 2014), como em "Ciência e Jornalismo" (SP: Summus, 2008) e em "A arte de tecer o presente" (SP: Summus, 2003), apenas para citar alguns, Cremilda Medina revela as bases criativas que estruturam a "epistemologia do diálogo social". A prática pedagógica da educadora nos laboratórios das salas de aula da Universidade de São Paulo (USP) estimula nos alunos o sensório-corporal-mental, num processo crescente de estruturação humano-intelectual, que explode o intuitivo-cognitivo-experiencial, ao mesmo tempo, implode o lógico-analítico-tecno, e num átimo, vice-versa. "No laboratório [com os alunos], o que mais enriquece o modelo é a direta correlação com a realidade profissional." (MEDINA, 1978, p.XVII).

Há mais de quatro décadas, Cremilda Medina lê, ouve, assiste e debate com os alunos: textos científicos inter e transdisciplinares às Ciências Sociais, notícias de jornais e revistas, obras de arte, filmes, literatura, música, ensaios, crônicas e notas, de sua autoria, de outros jornalistas, de autores consagrados e desconhecidos. Uma ampla arte-vídeo-docu-biblioteca organizada diacronicamente, cuja efervescência sincrônica, decidida por ela, pincela epistemologicamente fatos históricos, evolução sociocultural, quebras de paradigma e, em especial, a compreensiva solidariedade afeto-profissional. Cremilda Medina dá um sentido prático às coisas que ensina. Palavras são só palavras, ou não. Um dicionário cheio de palavras e significados, não consegue sozinho elaborar uma narrativa, embora tenha todas as palavras necessárias para tal. É preciso vivenciar as palavras através dos sentidos e emoções para compreender suas representações simbólicas numa narrativa.

## A percepção tática dos olhos

Um exemplo da experiência sensitiva intuitiva está no relato feito por John Mill (1882) sobre a primeira etapa da Revolução Industrial (1760-1860), período em que a Inglaterra implantou fábricas de tecidos de algodão, com o uso do tear mecânico. Em uma delas trabalhava um funcionário conhecido pela excelência de seu trabalho como tingidor de tecidos. Um fabricante escocês cobriu o alto salário do tingidor e conseguiu levá-lo para ensinar a habilidade de produzir cores, cuja transparência e delicadeza encantava a todos. Entretanto, o método do tingidor para medir as quantidades das tintas – o segredo dos efeitos coloridos que ele produzia nos tecidos – era colocar as tintas em punhados com as próprias mãos. O dono da fábrica pediu para que ele utilizasse uma balança, pois considerou o método de medir com as mãos um tanto incerto. Mas, o tingidor se sentiu incapaz de sistematizar tecnicamente a execução do processo, e impossibilitado de transmitir sua extraordinária habilidade a outra pessoa. A partir da própria experiência individual, o tingidor tinha organizado conexões intuitivas em sua mente, entre os delicados efeitos de cor e a percepção tática dos punhados de tinta. A seleção inteligente a partir de uma estimativa intuitiva impediu a lógica da padronização controlada.

O estudo de John Mill (1882) sugeria que a emissão de pareceres tinha se tornado um grande negócio, especialmente sobre fatos que a pessoa não havia observado pessoalmente. E, dava como exemplos, o negócio do magistrado, do comandante militar, do navegador, que tratavam de fatos em si importantes para seus interesses, ou para suas ocupações, e meramente julgavam as evidências para tentar agir em conformidade com o chamado de suas obrigações. (MILL, 1882).

Em tempos de vida acelerada e de algoritmos redatores, aumenta a armadilha lógica na elaboração de notícias, relatórios, pareceres, a partir de citações: “fulano disse”, “ciclano afirma”, “o teórico “X” atesta”. No jornalismo brasileiro contemporâneo a fala oficial abafou a voz da sociedade e os números das estatísticas institucionalizadas massacrou a vez do povo. Sem vez e voz do Outro a narrativa autoral perde a “aproximação / observação / experiência”, que dá vida ao “signo da relação”.

O exemplo de Mill (1882) revela que a habilidade intuitiva pode transcender a capacidade lógica. Enquanto a lógica padroniza e estrutura na rotina do dogmatismo, rigidez, preconceito; o fluxo contínuo da intuição é essencial para a abertura dos sentidos:

atenção, curiosidade epistêmica, flexibilidade. A flexibidade corporal pode ser obtida através da prática do alongamento muscular. Se a curiosidade fosse um músculo, haveria um alongamento mental que permitisse pensar além do enquadramento da pauta?

## A trilha não visual da mente é o caminho da narrativa autoral

"Antes de pensar é preciso sentir", propõe Cremilda Medina[6], como o fez António Damásio no livro "O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano".

> Ao clássico "penso, logo existo", decorrente do método para se aproximar da verdade divina, o cientista português do século XXI contrapõe: "E para nós, no presente, quando vimos ao mundo e nos desenvolvemos, começamos ainda por existir e só mais tarde pensamos." (MEDINA, 2008, p.33-34, ao citar DAMÁSIO, 2003).

Em síntese, os estudos de Damásio revelam que "a emoção" aciona uma resposta imediata para determinados desafios e oportunidades encontrados pelo organismo na vida cotidiana, enquanto "o sentimento" dessa emoção aciona um alerta mental. Damásio denominou o estudo "hipótese do marco-somático" que teria por base uma combinação da "memória, linguagem e consciência", e foi publicado em uma trilogia[7]. "A aparência da emoção pode ser simulada, mas o modo como os sentimentos são sentidos não pode ser copiado em uma peça de silício". (DAMÁSIO, 2000, p. 397).

Para este artigo escolhi abordar o segundo livro da trilogia, traduzido no Brasil, como "O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si" (Cia. Letras, 2000), porque ele trata do processo mental de criação da narrativa. Uma narrativa que podemos vivenciar sem lápis, sem papel, sem teclado, sem tela, sem dedo, sem letras, sem palavras, enfim, só a narrativa lá dentro, na mente. Uma história que Damásio denomina de "narrativa não verbal de segunda ordem", talvez um rascunho do texto com palavras, que será a narrativa de terceira ordem. Essa é uma incrível capacidade humana, a de transformar esse conteúdo especulativo – melodia, imagem, sentimento – em linguagem, num piscar de olhos.

---

[6]Ver "O erro de Descartes, segundo Damásio", capítulo do livro "Ciência e Jornalismo; da herança positivista ao diálogo dos afetos, de Cremilda Medina, editado pela Summus, em 2008. (p.32-35)

[7]A trilogia foi publicada originalmente em inglês: "Descartes' Error: emotion, reason, and the human brain" (NY: Grosset/Putnam, 1994); "The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness" (NY: Harcourt, 1999); e "Looking for Spinoza: Joy, Sorrow and the Feeling Brain" (NY: Harcourt, 2003). Em Portugal a tradução ficou: "O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano" (Lisboa, Círculo de Leitores, 1994 e 2011); "O Sentimento de Si: Corpo, Emoção e Consciência" (Lisboa, Círculo de Leitores, 1999 e 2013); "Ao encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir" (Lisboa, Círculo de Leitores, 2003 e 2012).

> Em adição à história que exprime o ato de conhecer e o atribui ao recém-cunhado *self* central, o cérebro humano também gera automaticamente uma versão verbal da história. Não tenho como impedir essa tradução verbal, e você tampouco. O que é acionado na trilha não verbal de nossa mente, o que quer que seja, é rapidamente transformado em palavras e sentenças. (DAMÁSIO, 2000, 239).

As emoções exercem um papel central na cognição social e no processo de elaboração de uma rápida e eficaz tomada de decisão. Através do recurso da memória e da linguagem do sujeito, a consciência percebe o novo conhecimento permitindo a elaboração de uma narrativa não verbal de segunda ordem. A organização dessa narrativa poderia ser um mapa imagético (de imagens não visuais), desenhado pela consciência, com sinais sensoriais emitidos pelo "sômato-sensitivo" (tato, sensação de temperatura, dor, muscular, visceral e vestibular), pelo paladar, pela visão, pelo olfato, pela audição.

> A tarefa de produzir imagens nunca cessa enquanto estamos acordados e continua até mesmo durante parte do nosso sono, quando sonhamos. Poderíamos dizer que as imagens são a moeda corrente de nossa mente. As palavras que estou usando para que estas idéias cheguem até você são formadas primeiramente, embora brevemente e sem grande precisão, como imagens auditivas, visuais ou sômato-sensitivas de fonemas e morfemas, antes de elas serem implementadas na página em sua versão escrita. (DAMÁSIO, 2000, p. 404).

Como no sistema neurobiológico, a criação da 'narrativa autoral' poderia ser considerada uma história imagética que valoriza as emoções, se nutre da "memória ativada" pela curiosidade epistêmica com embasamento do conhecimento perceptivo.

## A curiosidade ativada pela memória, ou seria o contrário?

Há mais de uma década os cientistas do laboratório de Inteligência Artificial da Brown University, nos Estados Unidos estudam a curiosidade humana, porque ela é o "coração da inteligência". (KONIDARIS, 2017). Contudo ainda não é possível afirmar como é que os humanos elaboram perguntas sobre assuntos que desconhecem e como podem prever que alguma coisa será interessante, mesmo antes de conhecê-la. "As pessoas conseguem julgar o quanto um livro será interessante apenas pela capa." (HUTSON, 2017).

Andrew Barto da Universidade de Massachusetts, EUA, autor de um manual (Stone/EUA) para os funcionários melhorarem o aprendizado de diversas matérias, escreveu que alguns testes que premiam a curiosidade dos robôs (p.ex.: GoogleDeepMind/TexploreVenir/Univ.Texas) correm o risco de diminuir a produtividade da máquina, porque ela poderá se "distrair" com a própria curiosidade. O resultado do

teste de premiação é sempre uma incógnita: "Se você dá prêmios para um aluno fica difícil saber se ele estuda para ganhar, ou pela própria satisfação por estar adquirindo conhecimento". (BARTO, 2017).

Estudos revelam que a curiosidade pode ser de dois tipos: a perceptual (todos os animais) e a epistêmica (humana). A perceptual é evocada em animais e humanos por estímulos visual, auditivo ou tátil. A curiosidade epistêmica vai além, porque busca compreender as coisas e preencher os vazios do conhecimento, como se estivesse faltando uma peça no quebra-cabeças da vida. (BERLYNE, 1954).

A curiosidade epistêmica não é o ato de supor, porque ela é tenaz e vem com força para aprofundar o conhecimento sobre um tema, uma pessoa, um acontecimento, a partir de uma atenção estabilizada e sustentada, desde o disparo motivacional que origina o desejo de conhecimento. (SCHMITT & LAHROODI, 2008). Em alguns casos, há uma tendência natural da curiosidade humana em favor de temas de interesse prático, contudo, para Schmitt e Lahroodi (2008) a curiosidade epistêmica favorece novas visões de mundo porque, dinamicamente, ultrapassa as fronteiras dos interesses individuais e, progressivamente, permeia a atenção de uns com outros. É essa relação com o Outro que Cremilda Medina preza tanto, sem ela o jornalista fala de si para ninguém.

> A criação de narradores, uma vez que estes não se confundem com o autor, responde ao impulso dialógico, e não ao autoritarismo monológico. As cenas que compõem a dramaturgia narrativa nascem da percepção viva de quem foi ao mundo e não se fechou na couraça dos que não viram, não cheiraram, não tocaram, não ouviram nem degustaram – aqueles relatos preconceituosos que sabem de antemão o que vão descrever. (MEDINA, 2003, p.143).

Aquisição e transmissão do conhecimento, tarefa complexa para educadores e jornalistas. Como incentivar a curiosidade epistêmica do jornalista ou do aluno diante da grande oferta de "fast answer" que não sacia a fome de conhecimento? A curiosidade jornalística epistêmica é a habilidade que o cérebro tem, ao se defrontar com um conhecimento novo, de recorrer à memória e ativar a emoção para a elaboração de perguntas. E se curiosidade epistêmica é uma habilidade importante para o jornalista, a memória parece ser sua melhor parceira.

...ooo...

## REFERÊNCIAS

BARTO, A. Scientists imbue robots with curiosity. In: HUTSON, M. **Science Magazine**, 31 May 2017.

BERLYNE, Daniel E. A theory of human curiosity. In: **British Journal of Psychology**, 45:3, Aug. 1954. (p. 180–191).

CHRISTENSEN, J. Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores. In: HARFORD, T. Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores. **Folha de São Paulo**, Mundo, 10 de março de 2017. (trad. Financial Times, 09/03/17).

DAMÁSIO, A. **Descartes´error: emotion, reason, and the human brain.** NY: Avon Books, 1995.

_____. **O mistério da consciência : do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. SP: Cia. das Letras, 2000.

De BURGH, H. **Investigative Journalism**. NY: Routlegde, 2008.

FERRAZ, T. **Portal Faculdade Cásper Libero**. 2016. Disponível em: http://faculdadecasperlibero.com.br Acesso em: 26 Ago 2016

GRUNWALD, E.; RUPAR, V. **Jornalism curiosity and story-telling frame**. NY: Routledge, 2009.

HARFORD, T. Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores. **Folha de São Paulo**, Mundo, 10 de março de 2017. (trad. Financial Times, 09/03/17).

HUTSON, M. Scientists imbue robots with curiosity. In: **Science Magazine**, 31 May 2017.

KONIDARIS, G. Scientists imbue robots with curiosity. In: HUTSON, M. **Science Magazine**, 31 May 2017.

LEMOS, R. **Inteligência Artificial**. In: Expresso Futuro. Canal Futura. Vídeo. 10 Jul 2017.

LIMA, E.; SANCHES, C. O balanço da crise. In: MEIRELLES, D. 2016. **Ano trágico para a imprensa: 1.200 demissões.** Associação Brasileira de Imprensa (ABI), online, 1º Jan 2017.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. SP: Alfa-Omega, 1978.

**_____. Profissão jornalista**: responsabilidade social. RJ: Ed.Forense-Univ., 1982.

_____. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. SP: Summus Editorial, 2003.

_____. Jornalismo e signo da relação: a magia do cinema na roda do tempo. In: **Rev. Líbero**, ano X, nº 19, Jun 2007. (p.17-25).

_____. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. SP: Summus, 2008.

_____. Novas manifestações, velhos paradigmas. In: **MATRIZes**, Ano 7, nº 2, jul./dez. 2013. (p.37-47).

_____. **Atravessagem**. Reflexos e reflexões na memória de repórter. SP: Summus, 2014.

_____. Nem imparciais, nem objetivos, mas cúmplices. In: BATISTA, R. **Entrevista O Povo** online. 31 ago 2015.

_____. **Ato Presencial: mistério e transformação**. SP: Casa da Aldeia, 2016.(a)

_____. O invisível à luz da experiência e da compreensão. In: KUNSCH, D. **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. SP: UNI, 2016. (b)

_____. **Autoria nas Narrativas (não relatos) da Ciência e do acontecer contemporâneo.** (Texto distribuído em sala de aula para os alunos/pesquisadores do Grupo de Pesquisa Epistemologia do Diálogo Social.) SP: PPGCOM/USP, 2017.

MEDINA, Sinval. Prefácio. Travessia para o futuro. In: MEDINA, Cremilda. **Atravessagem. Reflexos e reflexões na memória de repórter**. SP: Summus, 2014.(a)

_____. **Tratado da Altura das Estrelas**. RS: EDIPUCRS, 2014.(b)

MEIRELLES, D. 2016, ano trágico para a imprensa.: 1.200 demissões. In: **ABI**, 1º Jan 2017.

MILL, John Stuart. **Julgamento Intuitivo**. In: A System of Logic. NY: Harper & Brothers, 1882.

PILGER, J. **Interview with Hugo de Burgh**. 29 June 1999.

PEURCE, T. De relationibus novellis. Univ. Leipzig/Alemanha, 1690. In: **Est. Jornal. Mídia**, v.1,2, 2004. (Tradução de P.R. Dias)

SCHMITT, Frederick; LAHROODI, Reza. The epistemic value of Curiosity. In: **Educational Theory**, Board of Trustees, University of Illinois, EUA: Balckwell Pub. Ltd., Vol. 58, N. 2, 2008. (p.125-148).

SWIFT, A. et al. The promise of computational journalism. In: **Journalism Practice**, 6 (2), (p. 157-171), 2012.